**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**GABRIELLA DE ARAGÃO DA SILVA**

**O ENSINO DE ARTES NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

**RIO DE JANEIRO**

**2020**

O ENSINO DE ARTES NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

RESUMO

O artigo se trata da contribuição do ensino da arte para inclusão e ensino aprendizagem das crianças autistas. Nos últimos anos as pesquisas têm apontado o aumento de crianças sendo diagnosticadas com o transtorno do espectro autista, os sinais do Transtorno do Espectro Autista aparecem entre 2 e 3 anos de idade, e as vezes ele pode ser diagnosticado por volta de 1 ano e 6 meses. O Principal objetivo do ensino da arte para o portador de autismo (TEA) é oferecer a eles oportunidade de desenvolver suas habilidades usando sua criatividade, raciocínio, percepção e domínio motor. Através de ações pedagógicas voltadas para os diferentes métodos de Educação, as crianças autistas apresentam a síndrome em seus vários níveis, do mais leve aos níveis mais severos do TEA.

**Palavras-Chave.** Autista. Educação especial. Inclusão. Arte educação

**INTRODUÇÃO**

Este estudo é de suma importância aos futuros pedagogos, muitos professores não sabem como lidar com crianças especiais, entre eles os autistas, e é importante para um professor saber o quanto o ensino de arte ajuda um autista com a sua expressão, imaginação, socialização e entre muitos outros assuntos.

Essa pesquisa irá trazer aos pedagogos uma nova visão de como se pode trabalhar com crianças do espectro autista. Pois a arte é um caminho para que você se comunique e entenda aquela criança, através da sua expressão, seja desenhando, pintando ou até mesmo dançando.

A importância da inclusão na escola em favor dos alunos com necessidades educacionais especiais, ressaltando os principais desafios para: atender as necessidades específicas dos alunos com necessidades educacionais especiais; integrar professores, pais e demais alunos da escola no processo educacional; proporcionar situações de aprendizagem que busquem sanar ou minimizar as dificuldades dos alunos e oferecer acolhimento e desenvolvimento de qualidade, proporcionar ao aluno condições de se desenvolver psicologicamente e socialmente num ambiente multidisciplinar

Muitos profissionais da área de educação não estão preparados para receber essas crianças nas escolas de ensino regular. Antigamente as crianças especiais tinham uma escola própria para elas, onde se tinha profissionais especializados para o ensino.

E a arte pode ser uma ferramenta valiosa no tratamento de crianças autistas, pois é um elemento fundamental para desenvolver atividades que configurem um estímulo para sua inserção social e para desenvolvimento da comunicação.

O principal objetivo do ensino da arte para o portador de autismo (TEA) é oferecer a eles oportunidade de desenvolver suas habilidades usando sua criatividade, raciocínio, percepção e domínio motor, essas experiências irão contribuir para a evolução da personalidade do aluno e sua interação social.

Entretanto, muitas instituições não dão a devida importância para o ensino de artes no currículo escolar, pois a grande maioria não acha que artes é uma matéria rica em conteúdo, e geralmente os professores tem um tempo por semana de 40 minutos, o que dificulta o trabalho do professor e a relação dele com os alunos especiais, entre eles os autistas.

Muitas das vezes, professor de artes tenta mudar, porém há muitas instituições que não tem um mínimo de recurso para esse professor trabalhar com aluno autista, muitas vezes usam do improviso e da criatividade dos docentes, para transformar o que eles têm em materiais.  Assim a arte faz com que a criança portadora de necessidades especiais, como o autista, tenha a oportunidade do brincar com a música, imitar, expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações do mundo que os rodeia sem usar necessariamente a fala.

Os responsáveis dos alunos com necessidades especiais, se sentem sós na busca de alocar seus filhos nas unidades escolares de forma inclusa, o que é um dos principais desafios vividos pelos responsáveis e pelos educandos.

A legislação também obriga as escolas a terem professores de ensino regular preparados para ajudar alunos com necessidades especiais a se integrarem nas classes comuns. Ou seja, uma criança portadora de deficiência não deve ter de procurar uma escola especializada. Ela tem direito a cursar instituições comuns, e é dever dos professores elaborar e aplicar atividades que levem em conta as necessidades específicas dela.

Desde 1948, através da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a educação de especiais passou a ser sinalizada, conferindo direitos à pessoa com necessidades e, sobretudo, direito à igualdade. Podemos destacar aqui a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, de 1994, em Salamanca, por ser a que de maneira mais decisiva e explicitamente contribuiu para impulsionar a Educação Inclusiva em todo o mundo.

A Declaração de Salamanca refere-se à inclusão na educação. Os conceitos de inclusão abordados nesta declaração geraram o compromisso de garantia dos direitos educacionais, cujo propósito foi discutir Princípios, Política e Prática em Educação Especial, que proclama às escolas regulares, inclusivas, como meio mais eficaz de combater a discriminação e determina que as escolas devam acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais ou linguísticas. Salamanca está ligada ao ato de dizer: agora vamos unir isso (UNESCO, 1994).

Sassakai (1997) A inclusão como processo social amplo, vem acontecendo em todo o mundo, desde a década de 50. É a modificação da sociedade como pré-requisito para que uma pessoa com necessidades especiais possa buscar seu desenvolvimento e exercer a sua cidadania.

Antigamente, as pessoas com deficiências eram mal vistas na sociedade e muitos acreditavam que eles eram obrigados a viver presos em um lugar com outros deficientes como eles, ao invés de estar inserido na sociedade. Nos dias atuais muitos mudaram seus conceitos e eles são mais aceitos na sociedade, e a grande maioria dele tem um ótimo desenvolvimento.

Nas tribos indígenas, como os Esquimós, além de grandes civilizações como os Gregos antigos, ou os Espartanos, matavam as pessoas com deficiências assim que essas nasciam. Essa prática era realizada, normalmente, conforme a cultura da época.

Na Idade Média eles passaram a serem excluídos da sociedade e abandonados por suas famílias e jogados para própria sorte e tinham que se virar para sobreviver. Alguns eram usados ou explorados como bobos da corte, eram expostos em praça pública para entretenimento do povo.

No período medieval, a concepção de deficiência passou a ser metafísica, de natureza religiosa, sendo a pessoa com deficiência considerada ora demoníaca, ora possuída pelo demônio, ora “expiador de culpas alheias, ou um aplacador da cólera divina a receber, em lugar da aldeia, a vingança celeste, como um para-raios…”(Pessotti, 1984, p.5-6).

Jean Marc Itard, (1774-1838), passa a ser considerado o pai da educação especial, após desenvolver tentativas de educar um menino chamado Vitor, o “menino lobo” que surgiu nos bosques franceses, próximos ao povoado de Saint-Sernin (sul da França). Andava de forma ereta, aparentava ter entre 12 ou 13 anos, não falava, não usava vestimentas e seu corpo estava marcado por algumas cicatrizes e feridas. Os médicos os examinaram e acharam que ele tinha essas características pois havia nascido longe da civilização, então se comportava como um menino selvagem.

Alguns pesquisadores e estudiosos em geral, entre eles a professora e psicóloga alemã Uta Frith, levantaram a hipótese de Victor ter sido um menino autista. Alguns argumentos são favoráveis: Victor apresentava mudanças repentinas de humor, atraso mental, se balançava para frente e para trás, estereotipias e movimentos musculares espasmódicos.

Segundo historiadores, no final do século XV, surgia na ciência à busca da razão para explicar as deficiências, que até então eram consideradas males físicos, hereditários ou doenças mentais. No decorrer dos anos pode-se notar que a sociedade começou a olhar a deficiência com outros olhos, passando a se tornar mais humanos (GARCIA, 2011).

A primeira instituição para atendimento às pessoas com deficiência mental – ao invés da morte, o acolhimento. Foi o Hospital Juliano Moreira em Salvador, Bahia, fundado em 1874 é considerado como a primeira instituição para atendimento às pessoas com deficiência mental.

O termo autismo tem uma história atípica. Cunhado em 1906 por Plouller, quando estuda o processo do pensamento de pacientes com diagnóstico de demência, o nome só foi disseminado em 1911, pela pluma do psiquiatra suíço Eugen Bleuler que o aponta como um dos sintomas fundamentais da esquizofrenia.

O Autismo Infantil foi definido por Leo Kanner (1943), sendo inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, tinha características comportamentais bastante específicas, como: problemas com relação a afetividade, isolamento, as crianças não usavam a linguagem para se comunicar, e tinham alguns comportamentos agressivos.

A palavra “autismo” foi inventada por Eugen Bleuler em 1908. Ele estudou 11 crianças todas elas apresentaram características de dificuldades em interações sociais, mudanças nas rotinas, boa memória, e sensibilidade aos sons altos.

Kanner (1943) argumentava que essas crianças eram diferentes dos esquizofrênicos porque eles não tinham alucinações ou ilusões, e, a esquizofrenia dificilmente aparecia no início da infância. Desde aquela discrição, feita por Kanner em 1943, um número considerável de autistas foi diagnosticado como portador desse “tipo de esquizofrenia infantil” até mesmos nos anos 1970.

Asperger (1944) estava convencido no início de que o autismo era uma relação de fatores biológicos e ambientais. Ele publicou um artigo, “Psicopatia Autista na Infância”, que afirmava que quatro crianças entre 6 e 11 anos de idade examinadas em sua clínica pareciam “ter acabado de cair na terra”

Em 8 de outubro de 1943, Asperger apresenta a tese de livre docência na Faculdade de Medicina com casos atendidos na Clínica Infantil da Universidade de Viena que constituíam uma síndrome que nomeia Psicopatia autística infantil.

Síndrome caracterizada por dificuldades de integração social das crianças, mas que, à diferença das descritas por Kanner, possuíam um bom nível de inteligência e linguagem e os sintomas apareciam após o terceiro ano de vida.

Eram extremamente inteligentes e se expressavam com palavras, raramente faziam contato visual e eram discriminadas e intimidados na escola. Algumas apresentavam pequenos distúrbios do movimento, como andar na ponta dos pés.

Em 1964, instala-se a primeira unidade assistencial da APAE, o Centro Ocupacional Helena Antipoff, tendo como objetivo oferecer habilitação profissional a adolescentes deficientes mentais do sexo feminino. A primeira unidade multidisciplinar integrada para prestação de assistência a deficientes mentais e formação de pessoal técnico especializado foi o Centro de Habilitação de Excepcionais inaugurado no dia 22 de maio de 1971 na APAE de São Paulo (MAZZOTTA, 1996).

O psiquiatra Michael Rutter (1978) classifica o autismo como um distúrbio do desenvolvimento cognitivo, criando um marco na compreensão do transtorno. Ele propõe uma definição com base em quatro critérios: o atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; problemas de comunicação não só em função de deficiência intelectual associada; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e início antes dos 30 meses de idade.

O autismo foi inserido no quadro “esquizofrenia de início na infância”. A partir da década de 1980, o autismo é retirado da categoria de psicose e no DSM III utiliza-se a nomeação de distúrbios invasivos do desenvolvimento.

No DSM IV (1991) caracterizado por prejuízo severo e invasivo em diversas áreas do desenvolvimento é considerado um distúrbio global do desenvolvimento.

No DSM 5 (2013) o autismo é situado na categoria de Transtornos do Neurodesenvolvimento e assumido como espectro, substituindo assim as subcategorias dos “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento” que são agora abordadas por um único termo abrangente: Transtornos do Espectro do Autismo

Na década de 90, vários movimentos têm surgido com a finalidade de inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na escola. A Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), juntamente com a Convenção de Direito da Criança (UNESCO, 1988) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), estabeleceu-se que toda pessoa (criança, jovens e adultos) deveria usufruir das oportunidades escolares e participar da sociedade assim como toda criança

Na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada entre 7 e 10 de junho de 1994, na cidade espanhola de Salamanca, a Declaração de Salamanca trata de princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. A Declaração aborda os Direitos humanos e a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos e aponta os princípios de uma educação especial e de uma pedagogia centrada na criança. Para pleno entendimento do histórico da educação especial é necessário lembrar que esse modelo de educação foi baseado, inicialmente, em um modelo médico, ou seja, a deficiência era compreendida e tratada como uma doença, nesse sentido as crianças e adolescentes que possuíam algum tipo de deficiência eram excluídos da sociedade e muitas vezes marginalizados e estigmatizados da vida em sociedade.

Foi um momento histórico para a sociedade quando o sistema de ensino notou que poderia realizar a educação comum e a educação especial no mesmo ambiente, de modo que os indivíduos poderiam conviver, e que isso seria importante para o desenvolvimento do indivíduo que possuía alguma deficiência física ou mental.

O ensino de artes para uma criança autista vai além de um rabisco ou um papel pintado, é um modo dele se expressar, de se divertir, interagir, se concentrar e se comunicar.

Para Apple (1989, p. 46), a Arte contribui para desenvolver o senso de estética, sensibilidade e criatividade, e nesse processo de aprendizagem a arte é tão importante quanto qualquer outra matéria.

Segundo Read (1976), a arte na escola vem remover barreiras à aprendizagem junto aos indivíduos com necessidade especiais, pois a arte funciona como forma de redescoberta, pelo professor e pelo aluno, o professor deve observar e registrar dados para, depois de avaliados, servirem para a formulação de teorias oriundas da prática.

É visto que a inclusão do deficiente ao meio social e na educação vem se transformando ao longo do tempo, e que melhoras são estudadas e aplicadas, porém muito se tem a fazer para o desenvolvimento da Educação Especial.

Na história é mostrado como o deficiente era tratado através de crenças, costumes e até preconceitos. Hoje o que se vê no Brasil é um desenvolvimento profissional dos educadores, que estão se preparando melhor, porém a educação brasileira é falha em várias questões na Educação Especial.

Na atualidade, em relação há formação de docentes, no contexto da educação inclusiva, surgiu a necessidade de complementação nos currículos dos cursos de Formação de Docentes e de outros cursos de profissionais e disciplinas que interajam com os alunos com necessidades educacionais especiais.

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizada por uma síndrome comportamental e que tem certos comprometimentos na interação social, na comunicação verbal, eles também apresentam movimentos estereotipados, repetitivos que são expressados durante uma brincadeira, podem ser involuntários e durante uma atividade proposta a eles, a dificuldade do autista varia de acordo com o nível de desenvolvimento e da idade cronológica da criança, não fazem muito contato visual e são sensíveis a sons muito altos.

As **causas do autismo** ainda são desconhecidas, mas a pesquisa na área é cada vez mais intensa. Há uma combinação de fatores que levam ao autismo que a **genética e agentes externos**desempenham um papel chave nas causas do transtorno.

De acordo com a CDC (Centro de Controle de Doenças e Prevenção do governo norte-americano), as causas do autismo cada vez mais apontam para a genética. Confirmando [estudos](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28973605) recentes anteriores, [um trabalho científico de 2019](https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582) demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das [causas](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25038753) (estimados [entre 97% e 99%](https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582), sendo [81%](https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582) hereditário — e ligados a mais de 900 genes), além de [fatores ambientais](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28102992) ([de 1% a 3%](https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2737582)) ainda controversos, também possam estar associados, como, por exemplo, a idade paterna avançada na gravidez



Há algumas curiosidades que muitos não sabem sobre o autismo, que os meninos são mais propensos desenvolver autismo do que meninas, há o histórico familiar famílias, crianças com alguns problemas de saúde específicos, como: epilepsia e esclerose tuberosa estão entre esses transtornos e a Idade dos pais que quanto mais velhos, mais propensos a terem filhos autistas.

Os sinais do Transtorno do Espectro Autista a aparecer entre 2 e 3 anos de idade. As vezes ele pode ser diagnosticado por volta de 1 ano e 6 meses. Quanto mais cedo é feito o diagnóstico, maior probabilidade de desenvolvimento motor, cognitivo e evita a regressão de habilidades que a criança já desenvolveu. E temos uma chance maior de evolução, pois ela começa a receber seus estímulos o quanto antes para que ela tenha um bom desenvolvimento com o decorrer do tempo. E com o devido tratamento, eles podem evoluir e ter a maior autonomia possível.

Há também o **autismo regressivo**, algumas crianças com autismo parecem comuns antes de um ou dois anos, e de repente elas **regridem** e perdem algumas das habilidades linguísticas ou sociais que adquiriram anteriormente.

 A cada criança do espectro autista, tem uma particularidade em cada uma delas, tanto no seu comportamento, como na sua forma de aprendizagem. É muito importante que esse aluno esteja em um ambiente onde há bastante comunicação e muita interação, e com um suporte familiar para que ela desenvolva algum tipo de interação com o outro e até mesmo crie um modo de se comunicar com os outros ao seu redor.

Um elemento fundamental para o sucesso de sua inclusão escolar, e o pensamento positivo dos professores e compreensão das necessidades do aluno e avaliar as estratégias eficazes para seu aprendizado.

 Baseado na última edição do DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5) reconhecendo, que hoje, toda criança que tem características autísticas, fica concluído que o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O transtorno do espectro autista pode ser dividido em três tipos:

### 1- Autismo Leve

É a forma mais leve entre os tipos de autismo e é mais comum em meninos do que em meninas. Essa síndrome conta com uma inteligência bastante superior à média e pode ser chamado também de autismo de alto funcionamento.

### 2- Transtorno Autista

Esse é o autismo “clássico” de autismo e costumamos diagnosticar de forma precoce, antes dos 3 anos. Onde não há interação social, contato visual, problemas com a comunicação verbal, movimentos repetitivos e estereotipados.

### 3- Transtorno Desintegrativo da Infância

É considerado o tipo mais grave do espectro autista e o menos comum. Ela também é conhecida como a síndrome de Heller, o que ocorre após os dois primeiros anos de vida é que eles vão perdendo as habilidades que já foram aprendidas. Eles perdem a interação social, a parte verbal fica extremamente prejudicada e o cognitivo também, fazem alguns movimentos repetitivos com o se balançarem e movimentos estereotipados.

Atualmente o Transtorno do Espectro Autista é dividido em graus e sua gravidade:

Nível 3 – Um déficit bem mais graves em relação a comunicação verbal e não verbal, além de dificuldades para iniciar uma interação social. Também apresentam dificuldade em lidar com a mudança.

Nível 2 – É um pouco mais grave de deficiência nas relações sociais e na comunicação verbal e não verbal. Apresenta limitações em iniciar interações sociais mesmo com apoio e sofrem para modificar o foco das suas ações.

Nível 1- Dificuldades para iniciar a relação social com outras pessoas e demonstram pouco interesse em interagir com os demais, apresentam dificuldades para trocar de atividades e problemas de planejamento e organização.

O diagnóstico do espectro autista é clínico. Para saber se uma pessoa é autista, é preciso observar o comportamento do paciente analisar e coletar algumas informações com as pessoas que convivem com ele, e com o auxílio de questionários protocolados, pela [escala](https://autismoerealidade.org.br/2019/05/08/o-que-e-a-escala-m-chat/) de Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria.

Porém as primeiras suspeitas costumam ser do pediatra nas consultas de rotina ou dos professores, pois a convivência diária na escola permite a eles observar de perto o desenvolvimento das crianças. Porém os neurologistas e psiquiatras são os mais capacitados para dar o diagnóstico.

Há dois programas de tratamentos que é a **ABA**, uma sigla em inglês para Análise Aplicada do Comportamento que é uma abordagem de aprendizado individual que ajuda na prática de várias habilidades geralmente é feita na casa da criança sob a supervisão de um psicólogo comportamental.

Uma alternativa é o **TEACCH**(sigla em inglês para Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados à Comunicação), usa outros recursos visuais que ajuda a criança a trabalhar de forma independente e a organizar o seu ambiente.

 Existe vários tratamentos para que as pessoas com espectro de autismo tenham uma **boa qualidade de vida.**

A arte na inclusão social de crianças autistas vem ganhando espaço há um tempo no ensino aprendizagem delas, pois através dela conseguimos um bom desenvolvimento cognitivo e motor, e através da arte podemos oferecer uma visão diferente de ensino para eles.

A alguns anos atrás na história da educação brasileira, havia uma separação entre a escola de ensino regular com as crianças ditas “normais” e as instituições escolares de educação especial. Pois muitos professores não sabiam lidar ou trabalhar com esse tipo de deficiência. Então foram abertas escolas para essas crianças deficientes, como: NAEE, Cedro, Instituto Gnosis Brasil.

Por um longo tem os alunos na Educação Especial, eram educados com uma pequena modificação do ensino regular, a grande maioria não imaginava que pudesse haver outros meios de ensino para eles e muitos deles não conseguiam ter nenhum tipo de desenvolvimento.

Embora o senso comum, em muitos casos, relacione arte apenas com quadros e pinturas, ela se configura como uma ciência extremamente versátil, que extrapola a simples prática, construindo um universo rico de profundas discussões que marcam toda a história. Por seu caráter de linguagem universal, a arte é um canal capaz de difundir e estreitar os elos de comunicação entre o ser humano, independente da cultura ou etnia a que pertença (FISCHMANN, 2003).

De acordo com Haward Gardner “Todos os indivíduos têm potencial de ser criativos, mas só serão se quiserem”. Na educação especial, devemos deixar com que eles se expressem e deixem sua criatividade fluir, para que através dela possamos ensiná-los da melhor maneira possível e despertar o interesse dela.”

Através dela não só conseguimos um bom desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social. Despertamos nessas crianças um lado que nem elas mesmas conhecem e através dessas atividades podemos observa-las de forma diferente do que geralmente as vimos no dia dia e assim podemos despertar um interesse maior nas atividades e fazer com que elas passem a ser mais participativas.

Ostrower (1991, p.12):Presume-se que a Pessoa Portadora de Deficiência tem poucas oportunidades de realização, poucas fontes de prazer, mas é necessário que elas descubram valores em suas vidas, sintam-se importantes, úteis e amadas.

Acreditamos que a arte pode fazer com que a criança autista tenha novas experiencias e que ela aprenda através de uma nova visão. Eles podem experimentar diversas coisas até que ele encontre uma área em que se identifica e consiga se expressar da forma que ele se sinta totalmente confortável e confiante.

A arte funciona também como uma terapia para eles, aliviando a tensão e o estresses e transformando o ambiente em um novo mundo. A escola e a família têm um grande peso nesse tipo de ensino terapia, eles irão caminhar lado a lado para que essa criança tenha o melhor desenvolvimento e amplia o mundo deles e trazendo maior autonomia.

 Segundo Ferraz e Fuzari (1993. P. 16), o ensino de artes para crianças especiais tem como objetivo, desenvolver neles suas potencialidades, como a criatividade deles e por ela expressarem o que sentem através de pinturas e outras expressões artísticas.

Um aluno autista, apresentar necessidades próprias e diferentes dos demais alunos eles requerem de recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas somente para eles, para que eles tenham um bom desenvolvimento.

O ensino da arte através de ações pedagógicas voltadas para os diferentes métodos de Educação, as crianças autistas apresentam a síndrome em seus vários níveis, do mais leve aos níveis mais severos do TEA.

Para Katz (1925, apud CIRIA, 1993, p.14), “a mão é o segundo cérebro”, e isso para Ciria (1993, p.14) indica a importância e a funcionalidade das mãos. Elas possibilitam que o “sistema háptico” desenvolva sua função centrada “em seu papel de exercer o desenvolvimento evolutivo como conhecimento do mundo, dos objetos e da construção da realidade, primeiro sensório-motriz, e segundo, em nível representativo”. A estimulação contínua da pele pelo ambiente externo que, segundo Montagu (1988, p.34).

A arte tem o dever de estimular o raciocínio, mesmo sendo involuntário, de começo, meio e fim. A arte é uma linguagem universal em que todos através dela conseguem se comunicar e entender e gera prazer e multiplica as formas de aprendizagem.

A matéria de Artes Visuais nos permite refletir e compreender a importância da Arte no processo de Educação. Pudemos pensar na contribuição de Oficinas de Artes Visuais, com o objetivo de buscar uma tentativa de inclusão de indivíduos tão isolados de seu meio, como os diagnosticados como o autismo.

[...] o termo criatividade passou a ser difundido no sistema escolar, principalmente associado à produção artística, contudo não devemos dissociar a capacidade criadora da evolução do pensamento criador do indivíduo, enquanto agente social, que produz experiências criativas no universo concreto das diferentes áreas do conhecimento. Dentro do universo do conhecimento, o conceito de criatividade caracteriza a expressão de um processo cognitivo que, que transforma a realidade e produz o ‘novo’, rompendo com as barreiras do conhecido, estabelecendo novas relações (PELAES, 2010, p. 7)

A Arte apresenta-se como ação e experimentação do fazer, um processo lúdico de descobertas que não depende somente da comunicação verbal, podemos usar vários meios para se comunicar, ou se expressar ou até mesmos mostrar algo, pode ser através da dança, de uma música, de uma pintura e até mesmo um teatro.

É muito importante que a criança esteja em um ambiente onde há comunicação e interação, e com um suporte para que ela desenvolva algum tipo de interação com o outro e até mesmo crie um modo de se comunicar com os outros ao seu redor.

Para melhor desenvolvimento dessa criança e aconselhável que os professores conheçam esses alunos, e trabalhe com ele em cima do que ele tem capacidade ou curiosidade, sempre estimulando ele a querer saber mais sobre o que está acontecendo em sala.

Para que esse aluno seja incluso na escola não basta somente manter ele na escola e sim pesquisar práticas e métodos de ensino para que esse aluno seja mais bem instruído e tenha um bom ensino aprendizagem.

As crianças desenvolverem vários aspectos importantes com o ensino de artes, como  [criatividade](http://leiturinha.com.br/blog/4-dicas-para-estimular-a-criatividade-dos-pequenos/), sensibilidade, além de melhorar as capacidades intelectuais e aprender a expressar melhor as emoções.

O ensino de artes nas escolas para inclusão de crianças autistas faz com que elas se sintam confiantes em se expressar e ter um bom desenvolvimento. Através de um desenho ou pintura podemos fazer com que eles demonstrem todos os seus sentimentos através de como segura o lápis, das cores que usam e da forma que se expressam.

Não há uma receita mágica para ensinarmos ou adaptarmos essas crianças, mais podemos encontrar caminhos que as deixem mais confortável e confiante, a arte é uma distração é faz com que expressem suas ideias de maneiras inovadoras e de uma forma única de comunicação.

As crianças autistas, são pessoas que não conseguem controlar bem suas emoções e sempre estão em busca de algo para libertar essas emoções e energias. Geralmente são crianças bem ativas e precisam de algo que os liberte e que seja educativa para que eles estejam em constante aprendizagem durante suas atividades.

Na arte educação englobamos a essas crianças controle corporal, coordenação, equilíbrio, mo­tricidade, fazemos com que eles pensem de modo diferente, trazemos a essas crianças maneiras divertidas de aprendizagem e de ensino.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inclusão de crianças autistas nas escolas regulares, ainda tem muito que avançar em questão de recursos e técnicas de ensino aprendizagem, para o melhor aproveitamento desses alunos.

Há várias maneiras de se trabalhar com a inclusão desses alunos, uma delas é o ensino da arte para essas crianças, seja ela qual for, desde que seja confortável para o aluno se desenvolver da melhor forma possível.

Todos nos educadores, sabemos o quanto alguns lugares não temos a grande maioria dos recursos necessários, e muitas das vezes temos somente um tempo na semana com 50 minutos de aula de artes, e isso é muito pouco, deveríamos poder explorar todos os lados da arte, como: a música, o teatro, a dança, a pintura, a poesia, o artesanato, a culinária; e as inúmeras possibilidades que a arte pode nos oferecer.

A arte pode estar inserida em diversos contextos durante ao aprendizado dessas crianças com o espectro autista. Alguns deles se sentem muito confortável com esse tipo de ensino aprendizagem.

Podemos concluir que a arte não tem o mesmo valor das outras disciplinas, mas ela deveria ser considerada importante para o desenvolvimento da criança, como qualquer outra. A Arte permite o desenvolvimento fundamentais para o aluno, como senso crítico, e a criatividade. Assim mostrando o grande valor da arte para essas crianças e educadores, mostrando há todos nós uma nova visão de educação e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Micheline. MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2009, vol.29, n.1. acesso: 01/10/2010, pp.116-131.

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora. **Estudo em Psicologia Natal**, v.20 n.3 July/sept. 2015.Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2015000300173&amp;amp;script=sci\_abstract&amp;amp;tlng=pt. Acesso em:05/03/19.

SCHMIDT, Carlo, et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v.18 n.1 abr. 2016. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&amp;amp;pid=S151636872016000100017. Acesso: 05/03/19

LEMOS, Emellyne Lima de M.D., RIBEIRO, Nádia Maria R.S., RAMOS, Cibele Shírley A. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interação sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial.** Vol.20 no.1Marília Jan/Mar.2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&amp;amp;pid=S141365382014000100009. Acesso: 23/03/2019

FONTES, Carlos. **Educação Inclusiva: Algumas Questões Prévias.** Disponível em: &lt;http://www.educacionenvalores.org/Educacao-Inclusiva-Algumas.html&gt; Acesso em: 23 dez. 2009.

UNESCO. Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: &lt;http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf&gt; Acesso em: 23 dez. 2009.

DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Rev. latinoam. psicopatol.** fundam., São Paulo, v. 18, n.2, p. 307-313, jun.  2015.   Disponível em &lt;http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&amp;pid=S141547142015000200307&amp;lng=pt&amp;nrm=iso&gt;.acessos em 06 jul. 2020.  <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p307.9>.

KLIM, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.**São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, maio de 2006. Disponível em: &lt;http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&amp;pid=S15164446200600050000&amp;lng=en&amp;nrm=iso&gt;. acesso em 06 de julho de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>.